



UNA VISIÓN INTEGRAL DEL ABANDONO

BETTINA STEREN DOS SANTOS (PUCRS)
JESÚS ARRIAGA GARCÍA DE ANDOÁIN (UPM)
MARILIA COSTA MOROSINI (PUCRS)

ORGANIZACIÓN

© 2013, EDIPUCRS

DESIGN GRÁFICO [CAPA] Shaiani Duarte

CRÉDITOS DA ILUSTRAÇÃO DE CAPA Alejandra Martín Ortega

DESIGN GRÁFICO [DIAGRAMAÇÃO] Graziella Morrudo

REVISÃO DOS TEXTOS EM LÍNGUA ESPANHOLA: Beatriz Diconca

REVISÃO DOS TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA: GAIA Revisão Textual

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



EDIPUCRS – Editora Universitária da PUCRS

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 33

Caixa Postal 1429 – CEP 90619-900

Porto Alegre – RS – Brasil

Fone/fax: (51) 3320 3711

E-mail: edipucrs@pucrs.br – www.pucrs.br/edipucrs

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V831 Una visión integral del abandono / org. Bettina Steren dos Santos, Jesús Arriaga García de Andoain, Marília Costa Morosini. – Porto Alegre : EDIPUCRS, 2013.
211 p.

ISBN 978-85-397-0377-7

1. Educação Superior – América Latina. I. Santos, Bettina Steren dos. II. Arriaga García de Andoain, Jesús.
III. Morosini, Marília Costa.

CDD 378

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos. Vedada a memorização e/ou a recuperação total ou parcial, bem como a inclusão de qualquer parte desta obra em qualquer sistema de processamento de dados. Essas proibições aplicam-se também às características gráficas da obra e à sua editoração. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal), com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (arts. 101 a 110 da Lei 9.610, de 19.02.1998, Lei dos Direitos Autorais).

A PERCEÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE O ABANDONO E A PERMANÊNCIA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Bettina Steren dos Santos¹

Pricila Kohls dos Santos²

Tárcia Rita Davoglio³

1 INTRODUÇÃO

A Educação Superior representa, para a maioria da população, uma oportunidade de mudança e crescimento cognitivo, profissional e social. Dada a era da globalização, a universidade, cada vez mais, deve ser reconhecida como um espaço multicultural, no qual novos horizontes são vislumbrados. Nessa perspectiva, frequentar a universidade evidencia a busca por transformação e o desejo do sujeito por uma vida com maior qualidade.

Muito mais do que um local criado para divulgar a cultura universal, produzir ciência e formar profissionais, a Universidade é, hoje, um instrumento para a transformação da sociedade. Ao garantir o pluralismo ideológico e a liberdade de pensamento, ela cumpre o papel de crítica às instituições e aos sistemas políticos, principalmente nos países subdesenvolvidos, onde as modificações de cunho social são urgentes (WANDERLEY, 1988, texto de contracapa).

¹ Email: bettina@puhrs.br

² Email: pricilas@terra.com.br

³ Email: tarcia.davoglio@puhrs.br

Na sociedade atual, observa-se que o acesso às universidades brasileiras tornou-se assunto das pautas políticas e sociais. A passos lentos, esse debate está cada vez mais comum, mostrando o quão importante é oportunizar o ingresso à Educação Superior para o contexto de desenvolvimento do país. Com esse propósito, atualmente, no Brasil, existem alguns incentivos econômicos para o ingresso e a permanência na Educação Superior, sendo que alguns já fazem parte da iniciativa política há alguns anos. São os chamados programas de incentivo financeiro, as conhecidas bolsas de acessibilidade, como PROUNI, SiSU, ENEM, Fies⁴, entre outros, que, segundo o Ministério da Educação (MEC), visam possibilitar o acesso de estudantes de baixa renda aos cursos de Educação Superior (BRASIL, 2013).

Com tais incentivos, o número de matrículas nas universidades brasileiras duplicou na última década: em 2001, o número total de matrículas era de 3.036.113; já em 2012, esse número passou para 7.037.688, o que representa um crescimento de 4,4% em relação a 2011. Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), conforme se observa na Figura 1, a seguir, retratam essa evolução do número de matrículas da Educação Superior brasileira em instituições públicas e privadas (BRASIL, 2013).

⁴ Maiores informações sobre os programas de incentivo podem ser encontradas no Portal do Ministério da Educação (MEC): www.mec.gov.br.

TABELA 5.5: NÚMERO DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO POR MODALIDADE DE ENSINO E CATEGORIA ADMINISTRATIVA, SEGUNDO O GRAU ACADÊMICO - BRASIL 2001/2012

MATRÍCULAS EM CURSO DE GRADUAÇÃO

| ANO | TOTAL | | | | | |
|------|-----------|-----------|-----------|----------|-----------|-----------|
| | TOTAL | PÚBLICA | | | | PRIVADA |
| | | TOTAL | FEDERAL | ESTADUAL | MUNICIPAL | |
| 2001 | 3.036.113 | 944.584 | 504.797 | 360.537 | 79.250 | 2.091.529 |
| 2002 | 3.520.627 | 1.085.977 | 543.598 | 437.927 | 104.452 | 2.434.650 |
| 2003 | 3.936.933 | 1.176.174 | 583.633 | 465.978 | 126.563 | 2.760.759 |
| 2004 | 4.223.344 | 1.214.317 | 592.705 | 489.529 | 132.083 | 3.009.027 |
| 2005 | 4.567.798 | 1.246.704 | 595.327 | 514.726 | 136.651 | 3.321.094 |
| 2006 | 4.883.852 | 1.251.365 | 607.180 | 502.826 | 141.359 | 3.632.487 |
| 2007 | 5.250.147 | 1.335.177 | 641.094 | 550.089 | 143.994 | 3.914.970 |
| 2008 | 5.808.017 | 1.552.953 | 698.319 | 710.175 | 144.459 | 4.255.064 |
| 2009 | 5.954.021 | 1.523.864 | 839.397 | 566.204 | 118.263 | 4.430.157 |
| 2010 | 6.379.299 | 1.643.298 | 938.656 | 601.112 | 103.530 | 4.736.001 |
| 2011 | 6.739.689 | 1.773.315 | 1.032.936 | 619.354 | 121.025 | 4.966.374 |
| 2012 | 7.037.688 | 1.897.376 | 1.087.413 | 625.283 | 184.680 | 5.140.312 |

Fonte: Mec/Inep; Tabela elaborada por Inep/Deed.

Figura 1: Evolução do número de matrículas da Educação Superior brasileira em instituições públicas e privadas.

Embora esses dados representem um aumento significativo das matrículas nos últimos anos, em relação ao total da população do país, em 2010, apenas 14,4% da população de 18 a 24 anos estava matriculada na Educação Superior. Tal aspecto configura-se como um grande desafio para o país, uma vez que a meta para 2020 é elevar esse percentual para 33%. Outro grande desafio da Educação Superior do Brasil é em relação à categoria administrativa das instituições de ensino, que podem ser públicas ou privadas. Atualmente, a maior parte das Instituições de Educação Superior (IES) são privadas, implicando que o estudante pague matrículas e mensalidades, nem sempre compatíveis com a renda familiar. Sendo assim, as IES demandam incentivos governamentais para atender à parcela da população que não tem acesso à universidade privada. Com base nessa realidade, é possível inferir que os estudantes que frequentam a universidade encontram instituições muito diferentes

entre si. Ao mesmo tempo, os próprios estudantes quando chegam à Educação Superior vêm de universos extremamente heterogêneos, com grande diversidade psicossocial, contextual e econômica, que precisa ser abarcada em suas especificidades, mas sem afastar-se demasiadamente do ponto de vista coletivo.

O ingresso na Educação Superior no Brasil, então, representa apenas o primeiro passo de uma longa caminhada. Mesmo com os incentivos aos estudantes menos favorecidos financeiramente, com as oportunidades de inclusão e de respeito à diversidade social e étnica, pouco sabemos sobre sua trajetória ao longo da formação superior. Nesse sentido, buscar saber se os estudantes concluem seus estudos, se ocorrem evasões, desistências e/ou transferências e quais suas causas torna-se primordial para avaliar as políticas de gestão atuais. Primeiramente, porque isso permite conhecer a realidade dos estudantes, e, em seguida, mas não menos importante, porque leva a descobrir os motivos pelos quais os estudantes desistem de seus estudos, além de compreender a percepção dos estudantes em relação à universidade e à vida acadêmica.

Nesse sentido, justifica-se a proposta de organização de uma mesa temática, no II CLABES (Conferência Latino-americana sobre Abandono na Educação Superior), composta por estudantes que relataram sua trajetória como universitários, bem como sua visão sobre o que é a evasão estudantil na Educação Superior.

2 CONCEITUANDO A EVASÃO

Por se tratar de um tema amplo e complexo, existem estudos sobre a evasão que consideram diferentes fatores e características para definir a evasão. Encontramos na literatura a definição de Ribeiro (2005) ao desmembrar a evasão:

Evasão do curso: desligamento do curso superior em função de abandono (não matrícula), transferência ou nova escolha, trancamento e/ou exclusão por norma institucional; evasão da instituição na qual está matriculado; evasão do sistema: abandono definitivo ou temporário do ensino superior (p. 56).

Já Ristoff (1999) afirma que:

Parcela significativa do que chamamos evasão, no entanto, não é exclusão, mas mobilidade, não é fuga, não é desperdício, mas investimento, não é fracasso – nem do aluno nem do professor, nem do curso ou da Instituição – mas tentativa de buscar o sucesso ou a felicidade, aproveitando as revelações que o processo natural de crescimento do indivíduo faz sobre suas reais potencialidades (p. 125).

Para conceituar a evasão e tornar seu conceito mais preciso e passível de comparação, a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão do MEC distingue a evasão caracterizando-a da seguinte maneira:

- a) *evasão do curso*: desligamento do curso superior em função de abandono (não matrícula), transferência ou reescolha, trancamento e/ou exclusão por norma institucional;
- b) *evasão da instituição*: desligamento da instituição na qual está matriculado;
- c) *evasão do sistema*: abandono definitivo ou temporário do Ensino Superior.

Por outro lado, no âmbito do Projeto Alfa GUIA (Gestão Universitária Integral do Abandono), a evasão é definida como o abandono ou deserção, caracterizando um processo voluntário ou obrigatório, pelo qual o aluno não continua os estudos no curso em que está matriculado. Isso pode se dar por influência positiva ou negativa de circunstâncias internas ou externas a ele (ARRIAGA, 2012).

Para além da conceituação do termo, estudos realizados pelo Instituto Lobo (LOBO, 2011) apontam que de nada adianta atrair mais alunos, quando não se consegue mantê-los. Assim, o estudo apresenta como possíveis causas da evasão no Brasil:

- inadaptação do ingressante ao estilo do Ensino Superior e falta de maturidade;
- formação básica deficiente;
- dificuldade financeira;

- irritação com a precariedade dos serviços oferecidos pela IES;
- decepção com a pouca motivação e atenção dos professores;
- dificuldades com transporte, alimentação e ambientação na IES;
- mudança de curso;
- mudança de residência.

Tais estudos sobre evasão apontam para possíveis causas, variáveis e ações que levam ao abandono estudantil, ou seja, a evasão é gerada por diferentes fatores, sejam de ordem interna ou externa. Essas podem variar de fatores relacionados a questões financeiras até envolver estímulos e vontades pessoais. Além disso, aspectos sociais podem interferir positiva ou negativamente nos fatores para evasão. Nesse sentido, estudar a evasão e/ou o abandono é olhar para o indivíduo e suas relações com o mundo e a sociedade, considerando que os elementos externos podem influenciar tanto na escolha pelo ingresso na universidade quanto na saída da mesma. A universidade sob a ótica de um projeto de vida ou de carreira deveria promover a permanência, mas se há evasão, o que está acontecendo com tais projetos? Será a universidade um local de realização de projetos de vida e de carreira ou um agente que não faz parte desse contexto? Como tais questões são percebidas pelos estudantes?

Falar da evasão e do abandono universitário implica conhecer os porquês do ingresso à universidade, e nisso, refletir sobre as questões que envolvem a Educação Superior, as inter-relações, os processos de ensino e de aprendizagem, a motivação do educador e do educando. Na atual sociedade, ingressa-se na universidade porque muitos acreditam que nela o aprendizado pode possibilitar mudanças socioeconômicas para o indivíduo. Há uma relevância no *status* social imbricada na escolha da universidade, há fatores familiares envolvidos nesse processo, há esperança que no futuro esses acadêmicos tornem-se profissionais qualificados e cidadãos mais comprometidos com seu país. Contudo, acredita-se que para

concretizar uma boa formação profissional, o saber acadêmico é primordial, porém, o saber do cotidiano, desvendado e reconhecido na sua relevância, também compõe um elemento para o alcance da excelência da Educação Superior. Por esse motivo, faz-se importante ouvir os estudantes sobre a sua caminhada acadêmica e sobre os possíveis motivos que levam à evasão, contribuindo para transformar, modificar e qualificar a Educação.

Assim sendo, o presente estudo objetivou produzir evidências empíricas sobre a realidade da evasão/permanência discente na universidade, a partir da experiência e percepção dos estudantes. O estudo baseou-se na análise das verbalizações dos estudantes universitários que compuseram uma mesa temática durante o II CLABES, intitulada “La visión de los estudiantes y representantes estudiantiles acerca del abandono/permanencia en la Educación Superior”.

3 CONTEXTUALIZANDO O PRESENTE ESTUDO: CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os dados deste estudo são oriundos das atividades da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), instituição que sediou o II CLABES. A PUCRS, IES privada, sem fins lucrativos, é uma entidade confessional católica e comunitária, transformada em universidade em 1948. Está constituída por 22 faculdades no *Campus* central e mais oito nos campos regionais, organizadas em cursos e em programas destinados à formação em nível de graduação, de pós-graduação, de extensão e sequenciais. Além disso, está focada em expandir seus investimentos nos três pilares de sustentação da atividade de pesquisa de alto nível: (1) capacitação de seus docentes e pesquisadores; (2) atração dos melhores alunos, tanto em nível de graduação como de pós-graduação, estimulando a integração entre o ensino e a pesquisa; (3) ampliação e aprimoramento da infraestrutura necessária ao desenvolvimento de pesquisas de porte mundial.

A metodologia adotada neste estudo foi qualitativa, descritiva e exploratória, visando associar as experiências práticas dos sujeitos pesquisados ao fenômeno investigado, a saber, a evasão/permanência na Educação Superior. Para tanto, seis estudantes, com idade média de 23,3 anos, de diferentes cursos de graduação, foram convidados a refletir e relatar sobre suas percepções e experiências no contexto universitário. Todos concordaram em participar voluntariamente da mesa temática, autorizando a utilização das informações para a redação do presente texto, sendo seus nomes omitidos e substituídos por letras. Dos seis estudantes, duas mulheres e quatro homens, quatro eram bolsistas, ou seja, recebiam algum tipo de ajuda financeira institucional ou governamental para custear a universidade. Os cursos de graduação frequentados por esses estudantes, em sua maioria, eram da área da licenciatura: dois alunos de Pedagogia, um de Geografia, um de Letras, um de Matemática e um de Química. Apenas um estudante afirmou ter desistido do curso de graduação anterior, quatro afirmaram terem pensado em abandonar os estudos universitários e dois jamais pensaram em abandono. Os seis estudantes frequentam graduações na PUCRS, embora um esteja matriculado concomitantemente em IES pública, frequentando em ambas o mesmo curso de graduação. O panorama geral das características dos estudantes pode ser observado no Quadro 1, a seguir.

| ESTUDANTE/ GÊNERO | IDADE | CURSO DE GRADUAÇÃO FREQUENTADO | BOLSISTA | DESISTÊNCIA ANTERIOR | PENSOU EM DESISTIR |
|----------------------|-------|--------------------------------------|----------|-------------------------|-----------------------|
| A (m) | 22 | Matemática | Sim | Não | Sim |
| B (m) | 20 | Química | Não | Não | Sim |
| C (m) | 18 | Letras | Sim | Não | Não |
| D (m) | 24 | Pedagogia | Não | Sim | Sim |
| E (f) | 25 | Geografia | Sim | Não | Sim |
| F (f) | 31 | Pedagogia | Sim | Sim | Sim |

Quadro 1: Características dos estudantes do estudo.

Entre os estudantes entrevistados, todos possuem algum parente de primeiro grau (tio, tia, primo etc) que já possui curso superior ou está cursando. No entanto, em relação aos pais, um estudante (F) relatou ter pai e mãe com Ensino Superior completo e outro (C) referiu que tanto o pai quanto a mãe possuem apenas o Ensino Fundamental incompleto. Para o restante dos estudantes, um dos pais possui Ensino Superior.

Os aspectos que foram considerados para a reflexão e o relato de vivências foram: o ingresso na universidade, as experiências familiares, desistências, trancamentos ou transferências de curso ou de instituição, dificuldades nas tomadas de decisão e impressões sobre os principais motivos que levam os estudantes a abandonarem a Educação Superior. As verbalizações decorrentes foram agrupadas, originando as análises e discussões a seguir.

4 AS VOZES DOS ESTUDANTES

Ouvir os estudantes sobre questões inerentes à Universidade figura-se como um ato de respeito e um convite à possibilidade de transformação da realidade vivida, ou, pelo menos, aponta para a importância que os estudantes possuem para a realidade das instituições. Nesse sentido, evidencia-se a valorização do estudante como um agente essencial na Educação Superior e, assim como tal, sua opinião é muito importante para conhecermos a sua perspectiva sobre o abandono e a permanência estudantil.

4.1 O QUE CARACTERIZA O ABANDONO

Para os alunos entrevistados, a concepção de abandono da Educação Superior evidenciou-se fortemente associada às questões contextuais, decorrentes tanto das políticas sociais quanto da realidade econômica.

Acredito que os fatores externos sejam mais fortes que as dificuldades dentro da Universidade. Os desperdícios sociais e econômicos, da evasão dos cursos, devem ser primeiramente uma preocupação governamental, pois a universidade acaba por perder uma parte considerável de inovação, se tem que lidar com a melhoria dos estudantes. Mas essa ferramenta se não existir torna ainda mais difícil a formação (Estudante A).

Por outro lado, o abandono do curso iniciado é percebido como um elemento que pode assumir um caráter positivo importante durante a trajetória acadêmica, desmistificando a ideia ainda corrente no senso comum de que a escolha por uma carreira deve ser imutável e definitiva para ser considerada adequada. *“Abandono é uma forma tanto de demonstrar insatisfação com o curso que se está cursando quanto uma forma de tentar se autodescobrir” (Estudante D).* Nesse sentido, o abandono reverte-se em fonte de autoconhecimento para o estudante ou no resultado final de um processo de autoconhecimento. Do mesmo modo, pode ser um importante elemento de avaliação para as IES quanto às questões internas, tais como: seus processos seletivos, grade curricular, programas de acolhimento ao aluno ingressante, entre outros.

Tanto o abandono quanto a permanência estão ligadas às questões motivacionais, pois ambos requerem escolhas e ações do indivíduo, que tanto podem ser reguladas por aspectos internos quanto externos, ou pela associação de ambos.

Conforme Lemos (2005, p. 195):

É possível identificar dois aspectos do comportamento que traduzem motivação: a intensidade (ou nível de motivação, indicado pelo esforço, pelo nível de atividade, pelo entusiasmo) e a direção (ou orientação motivacional, indicada pela seleção de objetivos e pela escolha de cursos de ação). De forma geral, pode, pois, dizer-se que a motivação é a força que energiza e dirige o comportamento.

Nesse sentido, procuramos evidenciar na verbalização dos estudantes seus comportamentos e ações em relação ao abandono ao questioná-los sobre os motivos que podem levar ao abandono dos estudos.

4.2 O QUE MOTIVA O ABANDONO

Há diferentes motivos apontados pelos estudantes para o abandono do curso de graduação escolhido. Um deles pode estar relacionado com o fraco desempenho nas primeiras avaliações realizadas nas disciplinas do curso. Segundo os estudantes ouvidos, alguns resultados negativos nas avaliações podem acarretar a falta de estímulo para os estudos e, por conseguinte, o abandono do curso. Os mesmos estudantes apontam que a avaliação inicial negativa está relacionada à formação anterior, pois as dificuldades dos estudantes são oriundas de uma formação básica deficitária.

É relevante ter presente os processos motivacionais que diferenciam entre motivação extrínseca e intrínseca. A extrínseca é a motivação que leva o indivíduo a realizar uma tarefa como meio para conseguir um fim, dependendo de incentivos externos, e proporciona satisfação independente da atividade. Já a motivação intrínseca não depende de estímulos externos, uma vez que esses são inerentes à atividade. As atividades intrínsecas são interessantes por si só e não necessitam de nenhum reforço (CARREÑO, 2010).

O estudante A afirmou que em alguns momentos pensou em abandonar seus estudos, listando diversos motivos, por meio dos quais se evidencia suas dúvidas: *“Baixo desempenho acadêmico, baixa atratividade de mercado para profissão, dificuldades de pagamentos das mensalidades e cenário da educação no Brasil com pouca valorização profissional”*. Porém, esse estudante continua na universidade, mesmo com todos os empecilhos elencados. Isso denota uma ação proativa do estudante para lutar contra as adversidades e dilemas de escolhas e não desistir dos seus ideais. Segundo Cabanach *et al.* (2007), tais questões associam-se aos seguintes fatores:

1. componente de valor – contemplando aspectos ligados a razões e metas de realização das tarefas (por que realizo essa tarefa?);
2. componente de expectativa – agrupando fatores ligados à autopercepção e às crenças pessoais (sou capaz de realizar essa tarefa?); e
3. componente afetivo – que agrupa aspectos associados às reações emocionais (como me sinto ao realizar essa tarefa?)

Ou seja, o estudante pode ter levado em consideração alguns desses fatores para não desistir do curso.

Segundo Santos, Bernardi e Bittencourt (2012, p. 1):

A motivação é um processo complexo que envolve motivos intrínsecos e extrínsecos de cada pessoa. Motivos esses construídos nas inter-relações sociais, desde a infância, e que acabam se efetivando na intrapessoalidade. No entanto, a cada nova situação vivenciada, novos motivos poderão ser construídos, se esses representarem a oportunidade de trocas e soluções para possíveis desmotivações. Por isso, entender a motivação em cada pessoa é, antes de tudo, perceber e entender o ser humano com características e subjetividades próprias; é conceber o desenvolvimento e a aprendizagem como um processo que acontece ao longo da vida de cada um.

Muitas vezes, o estudante chega à universidade sem ter tido oportunidades prévias de conhecer e refletir sobre as suas opções e expectativas profissionais e os caminhos acadêmicos para chegar a elas. *“Tenho amigos que trancaram um curso para ingressar em outro de mais afinidade, conheço pessoas que largaram a faculdade para trabalhar de forma autônoma” (Estudante F)*. Nesse cenário, o abandono se converte, paradoxalmente, em tentativa de resolução de um problema emergente, oriundo da falta de informação sobre o curso no qual ingressou e, ao mesmo tempo, num modo de denúncia dessa realidade. Esse fato pode ser relacionado à preparação deficitária e

imaturidade do estudante que irá ingressar na universidade, tanto no que tange ao conhecimento sobre os cursos ofertados quanto às responsabilidades e compromissos imbricados nessa escolha.

Nesse sentido, o abandono aqui referido denota a motivação dos estudantes em buscar algo que lhes proporcione realização pessoal e profissional. No entanto, apesar desse significado positivo, em algumas circunstâncias, o abandono também apresenta um ônus não apenas pessoal, mas, sobretudo, social. Muitas vezes, para que um estudante ingresse no Ensino Superior, outro terá que ser excluído do processo em função do número de vagas disponíveis nas IES, que é limitado em países como o Brasil. Diante disso, a adoção de políticas e estratégias que, dentro do possível, promovam escolhas mais assertivas é uma medida recomendada.

4.3 DESAFIOS E DIFICULDADES

Os estudantes relataram dificuldades de caráter econômico e outras relacionadas à formação anterior, como também a questão de escolha de uma carreira precocemente.

Das influências externas e internas que fazem os estudantes abandonarem os cursos, a mais forte parece ser a externa, estes acontecimentos externos à administração da universidade afetam o sistema de ensino como um todo, da educação básica à educação superior. Não podemos analisar a organização social em núcleos, sem perder uma quantia significativa da informação, mas a administração da universidade pode desempenhar um papel reverso na influência externa, pois esta influência faz com que a sobrevivência financeira seja mais importante do que obter um diploma que pode não significar um emprego (Estudante A).

Por outro lado, relataram desafios positivos que agem como estímulos aos estudantes.

[...] Porque entrei na faculdade com a convicção de que é a carreira de professor de português que eu quero exercer. Dificuldades durante a graduação todos nós podemos ter em qualquer curso, seja com a matéria ou até mesmo o professor, mas se o aluno estiver certo de que é esse o seu lugar, de que é esse o seu objetivo conseguirá superar qualquer dificuldade (Estudante C).

Nas verbalizações desses seis estudantes, percebeu-se a nítida distinção entre o abandono do curso e da universidade. Para a literatura, a primeira demarca o abandono aparente, e o segundo, o abandono real (CARDOSO, 2008). O estudante D sintetiza essa diferenciação:

Meu melhor amigo abandonou o curso, 3 vezes. Éramos colegas na história, ele abandonou o curso para fazer faculdade de cinema, abandonou novamente para voltar para a história e abandonou uma terceira vez, esta definitiva. Este é um lado negativo do abandono no ensino superior. Porém tenho outro conhecido que fez ciências aeronáuticas, abandonou e foi para a informática, abandonou de novo e foi para a história, abandonou outra vez e foi para a biologia. Lá ele se identificou com o curso, melhorou suas notas, virou bolsista de iniciação científica e hoje estuda na Inglaterra.

Nesse sentido, podemos dizer que o abandono aparente, no caso ora apresentado, resultou em algo positivo para o estudante, que portou-se proativamente em relação a sua formação com o intuito de aliá-la a sua própria realização. O que denota que independente da área escolhida, boas oportunidades podem surgir a partir da dedicação do próprio estudante.

Por outro lado, falar de evasão/abandono na Educação Superior é estar atento aos movimentos e às ações dos estudantes e o que as mesmas querem expressar, pois um estudante que abandona três vezes cursos em uma mesma instituição pode denotar aspectos distintos, tanto em relação à universidade quanto ao perfil do próprio estudante.

5 AS VOZES DOS ESTUDANTES SOBRE A PERMANÊNCIA

A permanência dos estudantes que ingressam na Educação Superior é desejável, tanto do ponto de visto social quanto administrativo. Nela estão implicados fatores subjetivos relacionados às escolhas e aos recursos de cada estudante, mas também fatores relacionados à gestão e às políticas institucionais e acadêmicas.

Assim, um dos estudantes relata a importância dos espaços de convivência e oportunidade de aprender e sanar dificuldades que são ofertados na universidade. Um desses programas oferecidos na PUCRS é o LAPREN (Laboratório de Aprendizagem), que é um laboratório no qual o aluno tem a oportunidade de ampliar seus conhecimentos com o auxílio de materiais didáticos – objetos de aprendizagem – disponíveis em meio digital. Os graduandos podem realizar atividades com acompanhamento de bolsistas de iniciação científica, supervisionados por professores. Além de oferecer apoio na superação de dificuldades de aprendizagem, o LAPREN propicia a realização de pesquisas relacionadas à produção de materiais didáticos e à capacitação dos bolsistas como futuros professores. O *Estudante D* coloca que o LAPREN é uma forma de animar o aluno a continuar seus estudos, uma vez que o mesmo favorece a criação de ambientes interativos entre os estudantes, ou seja, com colegas de curso, bem como com professores de diferentes áreas.

Muitos estudantes esperam que o período durante o qual permanecem inseridos na vida acadêmica lhes proporcione a construção de habilidades técnicas e cognitivas específicas, mas também os instrumentalize para a participação e construção de uma sociedade comprometida com o desenvolvimento humano, em suas múltiplas facetas. A formação universitária, então, deve ser encarada como um processo que vai além da formação profissional em si, constituindo-se em um período da vida no qual o estudante está fortemente conectado com seus anseios e sonhos voltados para o seu futuro. Por outro, a permanência no curso escolhido nem sempre é o resultado

de uma decisão madura, encobrendo aspectos subjacentes de grande relevância. Muitas vezes, a decisão envolve questões complexas, geradoras de dilemas pessoais, cujo enfrentamento demanda conscientização e coragem.

Não sei se eu tenho como listar uma ordem exata de prioridades, pois para mim o principal motivo de permanecer tanto tempo no curso foi o orgulho. Recusava-me a admitir para mim mesmo que aquele não era o caminho, e não queria jogar três anos fora. Cursos por nada? Negava-me a enxergar o óbvio. Também tem o fator de dentro de casa, onde há uma grande pressão dos familiares para a conclusão do curso (Estudante D).

Além do desejo subjetivo de cada estudante, a gestão institucional comprometida com a cidadania e a presença de docentes qualificados e motivados são de suma importância para a permanência e o bem-estar do discente do Ensino Superior, o que parece estar muito claro para alguns dos entrevistados.

Acredito que a educação em suas diferentes formas, tanto acadêmica como profissional é a oportunidade de desenvolvermos a criticidade, a reflexão, a transformação que almejamos, tanto nos campos sociais, como pessoais, culturais etc. e nesta educação, aprendemos a desenvolver nossa cidadania na sociedade em que vivemos. E nisto, estar na universidade, aproveitando os momentos de trocas, que são inúmeros e manifestados nas mais diversas maneiras, possibilita o questionamento, o conhecer o outro, o olhar com outros olhos, o construir saberes, o divagar sonhos, o agir em prol da cidadania, intelectualizar teorias novas e já existentes... estar na universidade e aproveitar esse momento é abrir as portas para o mundo e nele poder atuar como cidadãos, como agentes de mudança.

Acredito que, para sentirmos esse acolhimento da Universidade, é preciso que dela façam parte educadores que exerçam com autonomia a construção do saber do educando, estando próximo o suficiente para orientá-lo nos caminhos da reflexão

e distante o suficiente para vê-lo alçar voos altos e longínquos. Um professor sensível capaz de perceber e impedir um abandono, capaz de repensar sua metodologia para agregar diferentes culturas e etnias, sensível para compreender os diversos contextos que existem dentro de uma sala de aula, questionador o bastante para enxergar as coisas sobre outros pontos de vista, aberto aos educandos e disponível às reflexões que podem muitas vezes reordenar caminhos acadêmicos de muitos estudantes.

Fazer parte desta comunidade acadêmica é se sentir parte atuante da sociedade onde vivemos, é ser cidadão agente, é pegar o conhecimento teórico e transformá-lo em ações práticas, é sim querer mudar o mundo, de um jeito igual para todos, no qual a informação é circulante, mutável e para toda a população. O que fazemos com a informação que aprendemos na faculdade é o que irá nos diferenciar uns dos outros e o que fará a real diferença na construção de uma sociedade igualitária e humana. O que fazemos com o conhecimento que adquirimos é o ponto de partida para encontrarmos o nosso caminho nesta sociedade tão diversa (Estudante F).

COMENTÁRIOS FINAIS

Essa mesa temática representou uma oportunidade ímpar de aproximação da universidade com os estudantes, permitindo que docentes de diversos países pudessem escutar suas percepções baseadas em suas experiências na trajetória acadêmica. Foi possível constatar que há muito a ser debatido quando se criam espaços de verbalizações espontâneas entre os envolvidos e, talvez, maiores interessados numa temática.

Mesmo tendo consciência de que essa amostra é pequena, se comparada com uma pesquisa mais abrangente em relação à evasão na Educação Superior, percebeu-se que, ao ouvir os estudantes, muitas impressões ou respostas relacionadas à questão aqui proposta têm diferente facetas. Deve-se levar em consideração que os estudantes têm a visão de sua corresponsabilidade na vida acadêmica.

Com apenas seis estudantes, pode-se perceber aspectos importantes que são apontados e que em alguns momentos aparecem como subjacentes aos motivos pelos quais os mesmos permanecem ou abandonam seus estudos. O abandono/permanência na Educação Superior não pode ser abordado apenas com base na objetividade dos dados estatísticos e de gestão administrativa. Há um importante elemento que faz parte desse cenário, que é a afetividade das pessoas envolvidas nesse fenômeno. Acreditamos que, desde essa perspectiva, muitas informações trazidas da realidade dos estudantes podem contribuir para a produção de um conhecimento verdadeiramente norteador para intervenções que promovam a permanência na Educação Superior. Longe de se pretender uma fórmula genérica que seja eficaz contra o abandono, o que está em evidência é o desvelamento e a valorização do não dito, que permanece invisível se a escuta não é promovida.

Sou estudante de matemática, oriundo do ensino público. Ao iniciar a faculdade tive dificuldades diversas, essas iam desde comunicação no meio acadêmico até permanecer em serviço militar obrigatório; a rotina diária permitia poucas horas de sono e muita atividade física; a mensalidade era patrocinada pela minha mãe e alguns familiares; meu pai não ajudou. Começaram as primeiras avaliações e junto com isso as primeiras frustrações, estas eram esperadas graças às obrigações militares. Comecei a conversar com alguns colegas do curso, contaram-me que esta é a “crise do calouro”, por isso notas baixas sempre podem surgir, incentivando-me a não desistir. Os professores podiam ajudar em horários específicos que não eram apropriados para mim; esta característica acontece em algumas universidades privadas, que em geral financiam esquemas publicitários para atrair estudantes, mas nem sempre gastam com a retenção dos seus alunos, acarretando possivelmente em mais desperdícios. No fim do primeiro semestre, estudando entre serviços de sentinela, dificuldades financeiras e acadêmicas, consegui ficar em todas as recuperações possíveis e passar. No segundo semestre foi a mesma coisa, e con-

segui passar em todas as recuperações. Quando iniciei o 3º ano de curso, estava com dificuldades financeiras, precisei encontrar um estágio fora da minha área para ajudar a pagar a faculdade [...] acabei me demitindo por não ter me adaptado para encontrar algo relacionado à matemática. Depois de uma semana, fixando cartazes de aula particular, e procurando trabalho, consegui encontrar uma vaga de estágio, era longe, mas valia a pena, [...] mas a prefeitura não quis pagar o transporte. Consegui um estágio no Laboratório de Aprendizagem da universidade, dava para pagar metade da mensalidade [...] o local tem um ambiente agradável, que favorecia o estudo meu e dos estudantes que iam procurar ajuda. Neste momento, consegui dedicar-me a tudo que queria, comecei a gostar de ensinar, lembro desta época como uma das mais produtivas, pois estava ajudando pessoas que tiveram dificuldades como eu. Para o 4º semestre consegui uma bolsa de graduação sanduíche para fazer metade do meu curso fora do país [...] (Estudante A).

REFERÊNCIAS

- BRASIL. INEP. *Censo da educação superior: 2012 – resumo técnico*. 2013. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2013. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/resumo_tecnico/resumo_tecnico_censo_educacao_superior_2011.pdf Acesso em: 19 set. 2013.
- CABANACH, Ramón González *et al.* Programa de intervención para mejorar la gestión de recursos motivacionales en estudiantes universitarios. *Revista Española de Pedagogía*, Madrid, 2007, n. 237, p. 240-56.
- CARDOSO, C. B. *Efeitos da política de cotas na Universidade de Brasília: uma análise do rendimento e da evasão*. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, 2008.
- CARREÑO, A. B. Motivación académica en la universidad. In: SANTOS, B.; CARREÑO, A. (Orgs.) *A motivação em diferentes cenários*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010, p. 33-43.

LEMOS, M. S. Motivação e aprendizagem. In: MIRANDA, Guilhermina L.; BAHIA, Sara (Org.). *Psicologia da educação: temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2005, p. 193-231.

LOBO, M. B. D. C. M. *Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções*. Instituto Lobo/Lobo & Associados Consultoria, 2011.

RIBEIRO, M. A. O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária: um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. São Paulo, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902005000200006&script=sci_arttext Acesso em: 15 ago. 2013.

RISTOFF, D. *Universidade em foco: reflexões sobre a educação superior*. Florianópolis: Insular, 1999.

SANTOS, B. S.; BERNARDI, J.; BITTENCOURT, H. R. Considerações sobre o uso da escala de motivação acadêmica (EMA) com jovens estudantes. *ETD – Educ. temat. digit.*, Campinas, SP, v. 14, n. 2, p. 1-18, jul./dez. 2012.

WANDERLEY, L. E. W. *O que é universidade?* 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.